

CONSIDERAÇÕES SOBRE TRANSITIVIDADE E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Nedja Lima de LUCENA¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir o fenômeno da transitividade e sua relação com o ensino de língua materna. Tradicionalmente, a transitividade é tratada em termos sintático-semânticos como uma propriedade intrínseca ao verbo. Entretanto, pesquisas alinhadas à linguística funcional norte-americana mostram que a transitividade é uma noção gradiente que se manifesta na oração como um todo. Nessa perspectiva, a transitividade é explicada em termos de prototipia; desse modo, uma oração que codifica um evento transitivo prototípico implica as seguintes propriedades: agentividade do sujeito, perfectividade do verbo e afetamento do objeto. Essas propriedades são investigadas neste trabalho e relacionadas a questões de ensino-aprendizagem de língua. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

Palavras-chave: transitividade; protótipo; ensino de língua.

Abstract

This paper aims to discuss the transitivity phenomenon and its relation to language teaching. Traditionally, transitivity is treated in accordance to syntactic-semantic terms as an intrinsic property of the verb. However, studies aligned to North American Functional Linguistic show transitivity is a gradient notion which manifests itself in the whole clause. According to this perspective, transitivity is explained in terms of prototypes. Thus, a clause that encodes a prototypical transitivity event involves the following properties: subject agentivity, verb perfectivity, object affectedness. These properties are investigated in this paper and related to language teaching and learning. This paper was supported by CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brazil.

Keywords: transitivity; prototypes; language teaching.

1. Introdução

Sob a nova ótica do ensino de língua portuguesa, proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o estudo das manifestações gramaticais, ou a análise gramatical, deve ser tratada como instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da

¹Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN).

língua, e não mais o centro dela como há alguns anos atrás. Em outras palavras, a análise gramatical deve estar vinculada à produção, leitura e escuta de textos, servindo como mecanismo de aprimoramento das habilidades linguísticas do aluno (BRASIL, 1998).

Diante desse novo paradigma, o presente artigo busca tecer considerações acerca do fenômeno da transitividade e o ensino de língua materna a fim de apontar caminhos que possam subsidiar a prática do professor de língua portuguesa.

Para isso, recorreremos ao escopo teórico da linguística funcional, na sua vertente norte-americana, que compreende a língua como um instrumento de comunicação flexível, cujas estruturas surgem, moldam-se e se regularizam no seu uso efetivo.

De acordo com essa abordagem teórica, no forjar da língua, interação, de modo complexo, princípios cognitivo-funcionais que motivam o surgimento, a manutenção ou a modificação dos padrões linguísticos, isto é, da gramática. A gramática é, pois, o resultado desses padrões linguísticos motivados, mantidos ou modificados pela situação comunicativa; portanto, ela não pode ser vista como dissociada do discurso, ou seja, do uso concreto da língua (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003).

Essa visão dinâmica de língua está em harmonia com o que sugere os PCN, uma vez que esse documento toma a língua como um sistema simbólico motivado histórico e socialmente “que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade” (BRASIL, 1998, p. 20). A interação através da linguagem é uma atividade discursiva orientada a partir de um contexto histórico que demanda determinadas circunstâncias.

Nesse sentido, o estudo dos recursos e elementos linguísticos (a estrutura gramatical) deve estar vinculado às funções discursivo-pragmáticas desses elementos no uso interativo da língua.

Para subsidiar este trabalho, as análises são feitas a partir de dados empíricos, coletados no *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998).

2. Transitividade

Nas gramáticas tradicionais em geral, regência verbal, valência verbal e transitividade são conceitos tratados como similares. De um modo geral, esses conceitos se referem “à maneira como um verbo se relaciona com os Sintagmas Nominais numa mesma oração” (TRASK, 2008, p. 298).

Nessa perspectiva, a transitividade é, pois, compreendida como uma propriedade relativamente inerente ao verbo. São transitivos os verbos que exigem termos que lhes completem o sentido, enquanto nos verbos intransitivos, “a ação não vai além do verbo” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 147). Isso significa que a classificação de um verbo como transitivo ou intransitivo depende da presença/ausência de um Sintagma Nominal/Sintagma Preposicional codificado como objeto: são transitivos os verbos acompanhados de complemento; são intransitivos aqueles verbos que não apresentam objeto. Entretanto, alguns gramáticos tradicionais consultados concordam que a fronteira entre verbos transitivos e intransitivos não é bem delimitada, uma vez que verbos como *comer* e *beber* podem se comportar ora transitivamente, como em *comer carne*, *beber vinho*, ora intransitivamente, como em *o doente não come nem bebe* (SAID ALI, 1971, p. 165).

A linguística contemporânea tem oferecido um abrangente número de pesquisas voltadas para análise de fenômenos relacionados à transitividade, como os trabalhos

oriundos da Costa Oeste dos Estados Unidos: Hopper e Thompson (1980); Givón (2001); Thompson e Hopper (2001), e das pesquisas brasileiras: Neves (2000); Furtado da Cunha (2006) Furtado da Cunha e Souza (2007), dentre outros. De um modo geral, esses estudos compartilham a ideia de que a transitividade se manifesta a partir de fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos que são simbioticamente dependentes.

Thompson e Hopper (2001), evocando o trabalho anterior (cf. HOPPER; THOMPSON, 1980) explicam que a transitividade não é uma propriedade inerente ao verbo, mas uma propriedade escalar da oração como um todo. Apenas na oração é possível observar as relações entre o verbo e seus argumentos, isto é, a gramática da oração. Esses autores tomam oração transitiva a partir da observação de dez parâmetros distintos² que determinam gradualmente se a oração é mais ou menos transitiva.

2.1. O evento transitivo prototípico

O modelo dos protótipos explica que as entidades são categorizadas com base em seus atributos, mais centrais ou periféricos, não a partir de um contraste binário. Nessa linha, as categorias linguísticas podem ser distribuídas em um contínuo, de maneira que diversos membros possam ser agrupados numa mesma categoria, na qual, em um extremo, encontra-se o membro mais prototípico, e no outro, o membro que exhibe os traços mais periféricos (TAYLOR, 1995; 2003).

Sob a ótica de Slobin (1982) e Givón (2001), a oração transitiva apresenta, no mínimo, dois participantes: um agente e um paciente. O primeiro, codificado sintaticamente como sujeito, é o responsável pela ação; o segundo, codificado sintaticamente como objeto direto, é o paciente da ação verbal. Essa configuração caracteriza o protótipo de um evento transitivo, no qual um agente age para causar uma mudança de estado ou de condição num paciente.

O modo como um verbo se configura depende de fatores discursivos – componente pragmático –, ou seja, o modo como o falante interpreta e comunica o evento. Isso pode ser mostrado na escolha entre uma oração ativa ou passiva: a perspectiva do evento pode ser comunicada a partir do ponto de vista do agente (voz ativa), como em *O menino quebrou a vidraça*; ou do ponto de vista do paciente (voz passiva), como em *A vidraça foi quebrada pelo menino* (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007).

Givón (2001) afirma que três parâmetros definem o evento transitivo prototípico: a) *agentividade* – ter um agente intencional ativo; b) *afetamento* – ter um paciente concreto afetado; e c) *perfectividade* – envolver um evento concluído, pontual, como mostram os exemplos *They demolished the house* e *She sliced the salami*. Em ambos os exemplos, há um agente intencional (*they / she*) que afeta uma entidade paciente (*the house / the salami*), além disso, os verbos são perfectivos, pois denotam um evento já concluído. Todavia, Givón ressalta que os traços semânticos – agentividade, afetamento e perfectividade – são graduais, uma vez que o afetamento do objeto pode ocorrer de maneira parcial ou total.

A proposta de Givón (2001) compartilha similaridades com a proposta de Hopper e Thompson (1980), na medida em que ambos levam em conta aspectos como a

²Participantes; cinesia; aspecto do verbo; pontualidade do verbo; intencionalidade do sujeito; polaridade da oração, modalidade da oração; agentividade do sujeito; afetamento do objeto e individuação do objeto. Embora descritos aqui para elucidar a proposta de Hopper e Thompson, desses parâmetros, apenas três são adotados neste trabalho (pontualidade do verbo, agentividade do sujeito e afetamento do objeto).

agentividade, o afetamento e a perfectividade como essenciais para o entendimento da transitividade. Logo, o presente trabalho se valerá desses parâmetros para a investigação do objeto de estudo.

3. Transitividade e ensino de língua

De acordo com os PCN, a análise gramatical deve estar centrada em

uma prática que parte da reflexão produzida pelos alunos mediante a utilização de uma terminologia simples e se aproxima, progressivamente, pela mediação do professor, do conhecimento gramatical produzido. Isso implica, muitas vezes, chegar a resultados diferentes daqueles obtidos pela gramática tradicional, cuja descrição, em muitos aspectos, não corresponde aos usos atuais da linguagem, o que coloca a necessidade de busca de apoio em outros materiais e fontes (BRASIL, 1998, p. 29).

Nessa linha, a seleção dos conteúdos gramaticais não deve seguir o modelo dos compêndios gramaticais de orientação tradicional, mas deve atender às demandas da prática linguística dos alunos.

Veicula nos PCN a necessidade de uma abordagem que considere a língua como dinâmica e rica em todas as suas formas de manifestação. Desse modo, valoriza-se de igual modo o trabalho com a modalidade oral e com a modalidade escrita.

Assim, priorizando ambas as modalidades, utilizo a seguir dois textos do tipo relato de procedimento, produzidos pelo mesmo informante na modalidade oral (1) e na modalidade escrita (2):

(1) então esse peixe ... que eu faço muito lá em casa é um peixe frito ... então a primeira coisa que eu faço é ... *pegar o cardápio e ver o que que eu vou fazer ... olho o que que eu tenho em casa e o que eu não tiver ... vou ao supermercado ...* então esse peixe ... *eu compro a posta de peixe e boto no limão ... e no alho e no sal e deixo curti-lo ... enquanto isso eu cozinho umas batatas ... não é ... ainda na casca para ficar aquela:: pra ela não ficar muito molhada ... ela fica mais:: mole ... mas não fica molhada com água ... ela fica mole ... mas:: mole sem ser aguada como essa outra que cozinha na água ... então põe a batata pra cozinhar ... prepara o arroz ... né ... faz aquela limpeza total ... bem lavado ... preparo este arroz ... preparo um molho pra refogar esse arroz ... que eu coloco alho ... sal ... manteiga ... aí coloco cebola pra dourar ... nessa coisa ... né ... depois eu ralo cenoura bem ralada e também coloco pra ... nessa fritura ... depois eu pego tomate e pimentão e vou ... essas coisas eu vou colocando aos poucos ... depois que esse molho tá todo pronto ... eu jogo o arroz e deixo cozinhar o arroz ... com a tampa ... né ... pra ele ficar mais abafado e não sair todo o cheiro e o sabor da comida ... não esvaír ... assim no vapor (Corpus D&G, Fala, p. 60).*

(2) A primeira coisa que faço é *pensar no cardápio*. Como minha família gosta muito de peixe, normalmente *escolho peixe*. *Vou a geladeira* para saber se tem tudo o necessário, encontrando começo o trabalho. Primeiro *limpo bem o peixe e o tempero com sal e limão*, deixo descansando enquanto preparo o que vai acompanhar. *Limpo bem o arroz e o lavado, deixo escorrer um pouco*, enquanto o arroz escorre, *douro a cebola e o alho no óleo quente, descasco os legumes como: cenoura, repolho, beterraba e chuchu*. *Coloco os legumes ralados na panela com a cebola e o alho dourado, ponho o arroz e água até cobrir tudo*. Em seguida *descasco umas batatas e ponho para cozinhar*; estando cozidas *faço um purê com queijo ralado, manteiga, gema de ovo, leite e as batatas bem amassadas*. Neste ínterim, o arroz está semi-pronto, *unto uma forma, redonda e furada no meio*, com manteiga e *ponho o arroz ainda quente socando-o. ponho no forno uns 10 minutos, retiro-o e viro num prato* como se fosse um bolo. (*Corpus D&G, Escrita, p. 69-70*).

Ambos os textos referem-se ao mesmo procedimento, isto é, ao modo como o informante prepara um peixe. Assim, as porções textuais que relatam os passos para a preparação do peixe são mais dinâmicas e estão em grifo. Os adendos, explicações e comentários do informante, que servem de recheio às porções mais salientes, não foram destacados.

A maneira como o falante organiza linguisticamente o modo de preparo corresponde à ordem natural dos eventos, ou seja, à ordem dos procedimentos necessários para se obter um resultado. Isso, em termos funcionais, está relacionado ao princípio da iconicidade, isto é, a correlação motivada entre forma (organização linguística) e função (ordem dos eventos). Numa situação comunicativa, o usuário da língua seleciona as estruturas gramaticais consoante seus propósitos, de maneira a atuar com sucesso sobre o seu interlocutor (cf. GIVÓN, 2001; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003).

Como já dito anteriormente, a abordagem da gramática tradicional trata a transitividade como uma propriedade inerente ao verbo; por outro lado, a linguística funcional concebe a transitividade como um fenômeno que envolve os componentes sintático e semântico na oração. O protótipo do evento transitivo prototípico envolve três parâmetros: agentividade, afetamento e perfectividade.

No caso dos textos aqui analisados, a perfectividade do verbo não é acentuada, uma vez que o informante não explica o que fez, mas enumera um conjunto de ações habituais, genéricas, que estão presentes na maioria das vezes em que ele realiza o procedimento. Por outro lado, é observado que esse modo de fazer implica uma entidade (aquele que faz) que age a fim de provocar uma mudança numa entidade paciente, como é o caso de: *cozinho umas batatas, ralo cenouras, limpo bem o peixe e unto uma forma*. Nessas orações, o afetamento do objeto é bem proeminente: as *batatas* mudam de condição de cruas para cozidas; a *cenoura* é alterada de inteira para ralada; o *peixe* passa de sujo para a condição de limpo; a *forma* que não estava untada muda para untada.

O professor de língua materna pode usar os atributos (agentividade, afetamento e perfectividade) na abordagem da transitividade, partindo das formas mais regulares (prototípicas) para as menos regulares, levando o aluno a compreender a noção de transitividade como um todo significativo que se manifesta em termos de grau.

Para ilustrar a possibilidade de trabalhar com esses atributos, observem-se os casos em (2) e (3):

(3) Um dia o professor Edson me convidou para ajudá-lo [...] *Ele pegou uma pitada de clorêto de sódio em estado natural* (pastoso) e pôs num pequeno becker com água foi aquele fogo desfilando dentro do becker. (*Corpus D&G, Escrita, p. 66*).

(4) Quando estavam conversando, brincando, distraídos o menino saio de perto deles e foi brincar perto da estrada, o velho viu e chamou o menino, o pai e a mãe também, mas foi tarde demais o menino foi atravessar a rua e *um caminhão o atropelou* (*Corpus D&G, Escrita, p. 46*).

A amostra em (3) possui uma entidade agentiva na posição de sujeito (*ele*) responsável pela execução da ação (*pegar*). Por outro lado, prevê uma entidade paciente (*uma pitada de clorêto de sódio em estado natural*), afetada, pois sofre uma mudança de localização física pela ação desencadeada pelo agente. O caso descrito em (4) descreve uma entidade agentiva (*um caminhão*) que desencadeia uma ação (*atropelar*) que é menos controlada do que a ação de *pegar* (3), mas que provoca, no contexto dado, a mudança de estado de uma entidade paciente (*o, retomando o menino*).

Assim, casos como (3) e (4) estão relacionados ao protótipo de um evento transitivo, uma vez que em seus enquadres semânticos estão implicados agentividade do sujeito, afetamento, físico ou de condição, do objeto e eventos concluídos (perfectivos). O mesmo não acontece com a amostra em (5):

(5) Ficou todo mundo estendido na ... na ... na ... lá na BR ... na pista ... e passou algumas pessoas e prestou socorro à gente né [...] *e a empregada e o motorista sofreu só escoriações leves né ... foram medicados e liberados né* (*Corpus D&G, Fala, p. 22*).

Na amostra (5), é denotado um processo (*sofrer*) pelo qual a entidade codificada sintaticamente como sujeito (*a empregada e o motorista*) não é um agente, mas é o paciente. Além disso, o referente do objeto direto (*escoriações leves*) não sofre nenhum afetamento. O verbo (*sofrer*) é perfectivo.

Logo, percebe-se que há um afastamento entre a oração em (5) e as amostras (3) e (4) na medida em que (5) não possui os atributos agentividade e afetamento. Esse afastamento fica ainda mais aparente em casos como (6):

(6) aquela fotografia ... que nós batizamo-na de tronco de São Sebastião ... porque ali o tronco ... parecia que ele tinha sido esculpido ali sobre a duna ... o tronco na altura de dois metros ... dois e vinte... e *ele tinha uma beleza* ... um assim ... indescritível (*Corpus D&G, Fala, p. 120*).

O caso acima descreve um estado (*ter uma beleza*) da entidade codificada sintaticamente como sujeito (*ele, retomando o pássaro*). Note-se que a oração herda do caso prototípico apenas a moldura sintática (formada por Sujeito – Verbo – Objeto), pois seu enquadre semântico não compartilha nenhum dos atributos (agentividade, afetamento, perfectividade) com o protótipo.

Desse modo, ao tratar das diferenças com base nos atributos sintático-semânticos, o professor pode abarcar os usos que são menos prototípicos e proporcionar ao aluno a possibilidade de refletir acerca dos fatos da língua, mostrando que as

categorias da língua são dinâmicas e flexíveis.

Além disso, essa abordagem também possibilita explicar os diferentes usos de um mesmo verbo, como ocorre em (7) e (8):

(7) aí o menino foi ... eu tava até dormindo ... dormia lá no meu quarto só ... lá com meu irmão ela lá dormindo ... que ela era praticamente da família ... aí eu escutei quando ... *eu escutei à noite o berro do menino* (*Corpus D&G, Fala, p. 23*).

(8) mas à frente teria uma mata densa [...] *ficamos escutando o barulho dos pássaros* ... porque nessa hora eles começam a ... a voltar pra ... pra mata né [...] e elas faziam um canto lindo sabe? *a gente ficou ouvindo o: sussurrar dos pássaros* ... o piu-piu de cada um ... de cada espécime rara chegando e ... e se despedindo do dia né? (*Corpus D&G, Fala, p. 122*).

O verbo *escutar* em (7) é diferente de (8) na medida em que é uma ação perceptual, pontual, não intencional e não controlada por uma entidade agentiva. Em (8), a forma verbal *ficou ouvindo* implica uma ação mais durativa, intencional e controlada pelo agente. Ainda é possível destacar em (8) que o uso dessa forma verbal parece implicar intencionalidade ainda maior do que *escutar*. Cabe ressaltar, também, que os referentes dos objetos diretos (*o berro do menino / o barulho dos pássaros / o sussurrar dos pássaros*) não sofrem mudança física ou de condição, isto é, o parâmetro do afetamento não se evidencia nesses casos. Em termos de transitividade, as ocorrências em (7) e (8) são mais distantes do protótipo, uma vez que não compartilham todos os atributos que correspondem ao evento transitivo prototípico.

Logo, sob a ótica do quadro teórico adotado aqui, e em conformidade com os PCN, o professor pode chamar a atenção para o fato de que as formas linguísticas são motivadas pela função que desempenham no uso interativo da língua.

4. Considerações finais

O presente trabalho buscou correlacionar o fenômeno da transitividade e o ensino de língua materna, tomando por base a proposta de abordagem da análise gramatical sugerida pelos PCN. Essa proposta compartilha com a Linguística Funcional uma visão de língua viva, plástica e maleável, que se adapta aos contextos socioculturais.

À luz da Linguística Funcional, o trabalho evidenciou que a transitividade é um fenômeno da oração, e não do verbo, como preconiza a gramática tradicional.

Além disso, o fenômeno da transitividade pode ser compreendido em termos de protótipo, isto é, uma oração que codifica um evento transitivo prototípico possui os seguintes atributos: agentividade do sujeito, afetamento do objeto e perfectividade do verbo. Por outro lado, orações que não apresentam esses atributos se afastam gradualmente na escala de prototipicidade.

A proposta de tomar os fenômenos linguísticos através do modelo dos protótipos se constitui ferramenta útil no processo de ensino-aprendizagem. A ideia é que o professor de língua materna possa partir do uso linguístico, utilizando estruturas mais prototípicas, para, em seguida, abarcar os usos menos prototípicos.

Por fim, a análise gramatical feita através do processo de reflexão crítica sobre a

língua em uso é ferramenta de refinamento das habilidades linguísticas dos alunos e incita interesse, iniciativa e autonomia para ler e produzir textos diversos e coerentes.

Referências

- BRASIL. (1998) Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/* Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. (1985) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (1998) (Org.). *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN.
- _____. (2006) Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. *Gragoatá*, n. 21.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (2003) (orgs). *Linguística funcional – teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. (2007) *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- GIVÓN, Talmy. (2001) *Syntax*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins.
- HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra Annear. (1980) A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP.
- SAID ALI, Manuel. (1971) *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos.
- SLOBIN, Dan Isaac. (1982) The origins of grammatical encoding of events. In: HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. (Eds.). *Syntax and semantics* v. 15 (Studies in transitivity). New York, Academic Press, 1982.
- TAYLOR, John Robert. (1995) *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- TAYLOR, John Robert. (2003) *Linguistic categorization*. New York: Oxford University Press, 2003.
- THOMPSON, Sandra Annear; HOPPER, Paul. (2001) Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- TRASK, Robert. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.